

## HISTÓRIA DO LAZER: UMA ABORDAGEM SOCIOCULTURAL.

RENILTON OLIVEIRA SANTOS  
VERA LÚCIA DE MENEZES COSTA  
MANOEL JOSÉ GOMES TUBINO

Universidade Castelo Branco – Rio de Janeiro – Brasil  
nillsantos@hotmail.com

### Introdução

O lazer é um fenômeno que tem praticamente a mesma idade da humanidade. Faz parte da cultura numa rica mistura de conformismo, prazer, liberdade e criatividade. Segundo Camargo (2004, p.13), as atividades de lazer são prazerosas, com algumas restrições. “Onde está o prazer do indivíduo entediado ao final de uma noite de farra, diante de um copo vazio?”. Conceituar e situar o lazer merece uma análise que vai desde a Antiguidade até os tempos modernos, considerando todas as suas possibilidades de inserção nos diversos contextos dos diversos tipos de sociedade.

### Histórico do lazer

Na antiguidade os gregos entendiam o tempo livre como ócio, com uma significância bem maior do que ao trabalho. A sabedoria que se cultivava tinha no ócio sua condição essencial, “era um meio, um instrumento, sendo o ócio um fim em si mesmo, algo a ser alcançado para ser desfrutado”. (MORAES, apud EMMENDOERFER, 2002, p 11).

No período de Péricles, cada cidadão ateniense tinha a seu dispor uma média de sete escravos, que lhe permitia uma dedicação ao estudo, à ginástica, à gestão da coisa pública, à filosofia e à estética. Hoje se calcula que nos países industrializados, com base em revoluções tecnológicas, os habitantes têm a disposição máquinas, equipamentos, computadores, que se equivalem aproximadamente a trinta e três escravos. No entanto, tem-se a sensação de que o homem tem muito menos tempo do que no passado para o cultivo ao lazer. (DE MASI, 2001).

Com o advento da sociedade industrial o lazer tomou um impulso bem significativo em obras de autores sociais do século XIX. Marcelino (1996) relata em seus estudos sobre o lazer que a Europa era o lugar onde a dignidade humana era pouco respeitada, criando-se assim uma atmosfera de motivação para os pensadores produzirem os primeiros manifestos sobre o Lazer. Paul Lafargue, militante socialista, escreveu o *Direito a preguiça* a favor do lazer dos operários, que foi publicado em 1880. Naquela época Lafargue considerava o ócio como um direito, hoje o indicaria como um dever (DE MASI, 2001). Na obra citada, Lafargue (1999), discute a forma como a burguesia administrava o trabalho enquanto centralidade em nossa vida. Os trabalhadores deveriam lutar pelo direito ao trabalho não alienado diferentemente da estrutura de produção exagerada que a burguesia impunha. A idéia seria propor um trabalho de três horas por dia durante seis meses por ano para possibilitar ao homem momentos de descanso e poder pensar nas virtudes da preguiça (vida boa, festas, música, dança, sexo e descanso), um tempo para o trabalhador cuidar de si e poder se envolver nas artes, na cultura, entre outras áreas com interesse lúdico. Era uma proposta revolucionária para época ao possibilitar a emancipação do trabalhador justificando-se pela importância do lazer.

Conforme Russel (2002), nos anos de 1930 o trabalho não deveria ser considerado como um bem supremo, pois se assim o fosse, todos amariam o trabalho consideravelmente. Segundo o autor esta idéia não era a realidade recorrente, no entanto ele entende que o mundo deveria ser um lugar onde todos pudessem desfrutar de afazeres agradáveis. O tempo livre deveria ser destinado fundamentalmente de forma lúdica contribuindo para o aumento do conhecimento e da capacidade de reflexão. Assim como Lafargue (1999), Russel (2002) entendia que o trabalho deveria ser mais bem distribuído entre os homens com relação à carga

horária. A jornada de trabalho poderia ser reduzida para uma média de quatro horas, sendo assim diminuiria o desemprego e haveria trabalho para todos.

Friedman (1983) aborda trabalho e tempo livre num sentido ampliado, uma vez que o lazer deveria ser praticado como atividade prazerosa, escolhido num momento agradável e que pudesse contribuir para o desenvolvimento pessoal. Todas as obrigações no tempo livre que se relacionam direta ou indiretamente ao trabalho, assim como as tarefas familiares ou atividades para preencherem uma necessidade em função da exigência econômica, (cursos de capacitação, entre outros) são consideradas pela sua característica coercitiva como o trabalho. Sendo assim, Friedman (1983), entende o tempo livre como uma atividade não influenciada pelas obrigações quando o homem pode se expressar e se desenvolver.

Ao final dos anos de 1960 do século XX Dumazedier (1994), afirma que o lazer é um tempo para a expressão individual ou em grupo e que provoca nas pessoas, grandes influências no cotidiano através de suas práticas sociais. Tudo que estiver fora das obrigações do trabalho, familiares, escolares ou espirituais é o que se denomina lazer.

O lazer, segundo autor citado acima, é um tempo liberado das obrigações quando se configura como um tempo livre, mas é importante considerar a observação de Marcelino (1996), quando afirma que tempo algum pode ser considerado livre das coações e das normas de conduta social, preferindo optar por aceitar o tempo como disponível, enfim um tempo permitido e de liberdade.

O tempo livre não deve ser vivido na anomia, pobreza e carência educativa. Neste caso haverá uma maior manifestação de vacuidade facilitando para patologias individuais e sociais. Para que o tempo livre seja significativo, é importante que esteja associado a outras dimensões facilitadoras, como a distribuição de renda e o nível de educação e de saúde. O lazer é vivido num processo de hedonização do tempo marcado pela condição de temporalidade humana onde tudo muda. As possibilidades de valores, afetos e modos de vida oferecida às pessoas variam segundo a idade, sexo, nível de vida, educação e cultura (PADILHA, 2004).

Marcelino (1999), afirma que o lazer deve levar em conta a opção que o indivíduo faz ao considerar as influências históricas, sociais e culturais onde está envolvido para a escolha da atividade.

Dois aspectos parecem ser importantes para um bom entendimento sobre o lazer: a atitude e o tempo. Com relação à atitude, o lazer pode ser interpretado como um estilo de vida e com relação ao tempo, como liberado do trabalho ou livre, não apenas do trabalho, mas como de outras obrigações familiares e sociais, como já foi discutido anteriormente. (MARCELINO, 1996)

O lazer enquanto atitude é caracterizado pela satisfação provocada pela atividade. Toda e qualquer atividade deste modo pode ser considerada lazer, até o próprio trabalho, porém o que se verifica na sociedade contemporânea é um componente de obrigação e insatisfação muito forte no trabalho o que o descaracteriza então como uma forma de lazer. (MARCELINO, 1996).

O tempo determinado para o lazer na concepção de Marcelino (1995) remete a situações confusas. Um indivíduo pode muito bem desenvolver no mesmo período duas atividades, como por exemplo, ouvir música enquanto trabalha. Sendo assim, o sujeito pode produzir cultura através das várias possibilidades socioculturais que o lazer estiver inserido e desenvolver autonomia, criatividade e prazer.

A vivência do lúdico para Bramante (1998) é o eixo central do lazer. O indivíduo conquista um tempo para a expressão humana envolvida numa rica mistura entre a socialização, motivação e liberdade. A sua prática é determinada pelos acessos aos bens culturais realizada com amor e fé e é proporcionada pelas influências ambientais e pelos fatores sociopolíticos e econômicos.

O tempo de lazer é marcado pelo tempo da não obrigação conquistado pelos trabalhadores. Bramante (1998) afirma ainda que existe uma diferença mínima nos aspectos fundamentais entre trabalho e o lazer, uma vez que os valores presentes no trabalho estão presentes no lazer e vice-versa. Assim sendo, uma prática de lazer pode ser determinada por horários, regras e responsabilidades que também fazem parte das normas básicas do trabalho. Muitas

empresas têm investido no lazer nas relações de trabalho com finalidades de melhoria da qualidade de vida e bem estar na perspectiva do aumento da produtividade.

Para Werneck (2000), o lazer está inserido num contexto histórico e social e atualmente tem suas características diferentes do trabalho, apesar de estar relacionado a ele como compensação e quebra de rotinas e possibilitando um descanso, divertimento e desenvolvimento, afastando-se do trabalho produtivo.

Conforme os estudos de Melo e Alves Junior (2003), o lazer é considerado um fenômeno da sociedade moderna. As classes burguesas procuravam manter o controle social das camadas populares preocupadas com os momentos de não trabalho que aumentavam em função das lutas e conquistas operárias, pois entendiam que eram nesses momentos que o povo criava as estratégias de lutas e resistência. De acordo com os autores acima, sempre existiram formas de diversão na sociedade humana, embora recebessem outros termos. Pode-se afirmar que o lazer é um fenômeno social que faz parte de uma cadeia de processos sociais.

Observou-se em estudos de Marcelino (2001) que o lazer é uma dimensão da cultura e sofre as influências dos valores da sociedade. Buscar o lazer sempre foi uma necessidade do ser humano, de acordo com a história, os significados do lazer mudam a cada época. Podem ser vistos como mercadoria, contribuindo para uma sociedade injusta e insatisfeita, como podem proporcionar valores questionadores no plano cultural quando produzidos historicamente na sociedade. Essas tendências recebem influências do crescimento do consumo, da organização civil e do poder público. Está na Constituição de 1988 que o direito ao lazer no título II, capítulo II, artigo 6º será incentivado pelo poder público como forma de promoção social. (BARROSO, 2003). Conforme Marcelino (2001) existem vícios assistencialistas que privam o indivíduo ao direito a felicidade diminuindo a abrangência do lazer. Esses vícios são antigos, vinham dos gabinetes das 1ªs damas e até hoje se observa resquícios nas políticas do lazer.

Marcelino (2001) afirma que o lazer só é levado a sério quando conectado a uma outra área de grande interesse social, como: lazer e saúde; lazer e promoção social; lazer e violência; lazer e segurança; entre outras relações. O lazer quando relacionado a uma questão problema parece ter um cuidado maior pela sociedade e torna-se mais valorizado. No entanto, não existe um fracionamento no problema social, as questões têm um caráter holístico.

Para Marcelino (2001), a população não manifesta a valorização do lazer embora reconheça a sua importância na qualidade de vida das pessoas. Como o impacto social do lazer ainda é muito pequeno na sociedade, as pessoas normalmente o classificam entre o sétimo a décimo lugar numa escala de prioridade. As pessoas se sentem constrangidas em reivindicar o lazer pelo fato de ainda ser mal visto pela sociedade, só conseguem expressá-lo quando conectado à outra área "séria", como foi discutido anteriormente.

Marcelino (2001) afirma que uma política de lazer não está restrita a uma política de atividades, significa reduzir jornada de trabalho sem reduzir salários, reorganizar o tempo, o transporte urbano, os espaços e equipamentos de lazer, moradia e entorno e na formação de profissionais e voluntários. Segundo o autor acima, "o lazer tem sua especificidade, inclusive como política pública, mas não pode ser tratado de forma isolada de outras questões sociais" (MARCELINO, 2001 p.11).

O lazer está presente em várias áreas do conhecimento. Segundo Bellefleur, (apud PADILHA, 2004), o lazer não segue uma escola de pensamento único ou particular, faz uma abordagem eclética e transdisciplinar, uma vez que a realidade existencial do lazer transcende geralmente as contribuições disciplinares. O lazer está inscrito numa abordagem global da estruturação do conjunto do comportamento humano do qual ele é uma mediação dentre outras, uma mediação suscetível de contribuir para o desenvolvimento da vida pessoal e coletiva.

## **Considerações finais**

O lazer para Marcelino (1999) é uma dimensão da cultura no tempo disponível, considerando os aspectos tempo e atitude. O lazer para as pessoas não deve ficar restrito as atividades

oferecidas pelos programas privados ou públicos. O indivíduo deve se apropriar de uma consciência crítica para fazer escolhas a partir das suas possibilidades na cultura geral. O eixo principal do lazer para Bramante (1998), é a ludicidade, é expressão humana num tempo conquistado e tem um grande potencial de socialização. Os bens culturais são determinados por fatores políticos e sociais envolvidos de criatividade e prazer. Gomes (2004) considera que o lazer está relacionado com as obrigações, deveres e necessidades dialeticamente, principalmente com o trabalho.

De acordo com Melo e Alves Junior (2003), o lazer é dimensão da cultura ao afirmarem que os valores determinam uma representação, portanto se mudam os valores, mudam as representações. Contudo observa-se que o lazer é influenciado pelos valores da sociedade.

Percebe-se que o lazer dos dias atuais precisa contrapor as estratégias comerciais da indústria cultural que o explora como mercadoria. É mister facilitar uma política acreditando na especificidade da ação no plano cultural para promover mudanças positivas. Seria distanciar-se das ações do lazer como mercadoria e como mero entretenimento e facilitá-lo num sentido de favorecer a convivência humana, como também proporcionar atividades que agradam as pessoas no tempo disponível.

## Referências:

- BARROSO, Luis Roberto (Org). **Interpretação e Aplicação da Constituição**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- BRAMANTE, Antonio C. **Lazer: concepções e significados**. Licere. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1998.
- CAMARGO, L. O. de Lima. **O que é Lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- \_\_\_\_\_. Introdução. In: RUSSEL, Bertrand; LAFARGUE, Paul. **A economia do ócio**. DE MASI, Domenico (Org.). 3.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- DUMAZEDIER, Joffred. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- \_\_\_\_\_. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo: Studio Nobel – SESC, 1994.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- EMMENDOERFER, Magnus L. **Tempo Livre nas Organizações: Concepções, Evidências e Reflexões de Um Estudo Teórico-Empírico**, UFSC – 2002.
- FRIEDMAN, G. **O trabalho em migalhas**. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- GOMES, Christianne L. (Org.) **Dicionário crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LAFARGUE, P. **O Direito à Preguiça**. São Paulo: Claridade, 2003
- MARCELINO, N. C. **Lazer e educação**. 3ed. Campinas: 1995.
- \_\_\_\_\_. **Estudos do lazer: uma Introdução**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1996.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Lazer & Empresa: múltiplos olhares**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.
- MELO, V. A. ; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.
- PADILHA, Valquíria. **O Lazer Contemporâneo Ensaio de filosofia social**. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, nº. 2, p.147-166, maio/agosto de 2004.
- RUSSEL, Bertrand. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- WERNECK, C. L. G. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Celar, 2000.

Renilton Oliveira Santos

Avenida José Rato, 156/104 Bairro de Fátima. Serra – ES – CEP 29160790  
Fones: 27 8831 8805 e 27 3347 4210 Email: nillsanttos@hotmail.com